



Vivências Plurais: 30 Anos do PET Psicologia UFRGS

Vitoria Abadie Moraes
Leonardo Régis de Paula
Jesse Rodriguez Cardoso
Amadeu de Oliveira Weinmann (Orgs.)

Copyright © 2019 by Vitoria Abadie Moraes, Leonardo Régis de Paula, Jesse Rodriguez Cardoso e Amadeu de Oliveira Weinmann (Orgs.).

Todos os direitos para o BRASIL e países de língua portuguesa reservados e protegidos pelas leis em vigor, em cada um deles, sobre DIREITOS AUTORAIS a Vitoria Abadie Moraes, Leonardo Régis de Paula, Jesse Rodriguez Cardoso e Amadeu de Oliveira Weinmann (Orgs.).

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Arte final: Priscila Evangelista

Capa: pintura Grito da periferia, de Paulo Correa; montagem de Giulia Kuchta Stello.

Revisão: Priscila Evangelista

Diagramação e Produção Gráfica: Forma Diagramação
Contracapa: grafismo criado pelo coletivo organizador do VII Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI).

Impresso no BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V857 Vivências plurais: 30 anos do PET Psicologia UFRGS. / Vitoria Abadie Moraes et al. (Orgs.) 1.ed. Porto Alegre: Forma Diagramação, 2019.

121 pgs. II. 16x23 cm

ISBN: 978-85-63229-23-6

1. Educação. 2. Educação tutorial. 3. Psicologia social. 4. Vivências e relatos. I. Título. II. Moraes, Vitoria Abadie. III. Paula, Leonardo Regis de. IV. Cardoso, Jesse Rodriguez V. Weinmann, Amadeu de Oliveira (Orgs.).

CDD: 374.1
CDU: 37:159.9

PREFÁCIO

Angelo Brandelli Costa

É com felicidade e responsabilidade que escrevo o prefácio para este livro. Integrei o PET Psicologia da UFRGS durante quatro anos enquanto estudante de graduação e por dois anos fui tutor do PET Psicologia da PUCRS. Foram anos definitivos na minha vida. O PET foi fundamental na minha formação enquanto psicólogo e enquanto pessoa.

Acredito que eu tenha sido convidado para essa escrita em razão da minha experiência nos “dois lados” do programa. É desta experiência que quero falar, pois é dali que o PET convoca-nos, da experiência singular enquanto sujeitos de um processo de construção de conhecimento. É também dessas experiências que o presente livro é construído.

O livro convoca-me a escrever quase que no meio de um caminho. Entre todas as pessoas que estiveram no programa antes de mim, cuja história de alguma maneira influenciou-me ontem e hoje, e de todos que vieram e ainda virão. Digo isso, pois, o PET é feito por diferentes mãos (e mentes) e este livro reflete isso.

Sinto nos textos reverberações de discussões que tínhamos nas primeiras reuniões que participei no grupo e de discussões que aconteciam antes da minha chegada. Como o currículo da Psicologia deve ser formatado para dar espaço para maior diversidade? Formar psicólogas/os para quem, como, para quem? Essa temporalidade inconstante é uma das forças do PET.

Até a minha entrada no PET, no primeiro ano da graduação, minha vivência em espaços escolares tinha sido aquilo que Paulo Freire denominou de educação bancária. Professoras/es transmitindo conhecimentos que deveriam ser arquivados pelas/

os estudantes. Sou grato a todas/os elas/es, mas nunca me encaixei completamente onde supostamente deveria estar encaixado – na grande ordem educacional das coisas.

Na graduação em Psicologia, percebi como esse processo também ocorria. O objeto de estudo, embora apelativo para quem está de fora, muitas vezes é transmitido canonicamente. É quase como se estivéssemos nos aproximando de um objeto muito distante, do qual não é aconselhável falar em voz alta e, especialmente, em público, ao qual só iniciadas/os têm acesso. De alguma forma, o ensino universitário no Brasil tem essa característica, mais forte na Psicologia.

O PET para mim representou, e representa, uma quebra total com esse modelo de educação. O PET é anárquico; produz desordem dentro da ordem curricular. Enquanto a educação universitária curricular é um projeto previamente formatado 'para', o PET é um projeto de educação a ser formatado 'com'. Enquanto o currículo dá ênfase à permanência, o PET dá ênfase à reforma, à mudança.

Dessa forma, o PET nunca tratou da psicologia enquanto objeto acabado a ser conhecido, mas da psicologia enquanto projeto inconcluso passível de transformação, invenção e reinvenção. Portanto, não se trata do PET na Psicologia, mas com a Psicologia. E quanto mais distantes de uma matriz curricular tradicional o grupo aventura-se, mais radical a proposta do PET fica.

Lembro-me de passagens que marcaram muito. O grupo tinha interesses genuínos em desenvolver atividades e projetos em áreas que nenhum de nós dominava, ou que exigiriam articulações com diversos setores da universidade ou de fora dela, da gráfica até a prefeitura, da Odontologia até a Engenharia Civil, dos estudantes de ensino médio no UFRGS Portas Abertas até os egressos, dos técnicos aos professores.

Enfim, o processo de trabalho do grupo deixava evidente, o tempo todo, que nos direcionávamos para uma zona onde não saberíamos como fazer o que gostaríamos de fazer, mas que gostaríamos de saber como. Nós organizávamos eventos locais e nacionais, livros, parcerias com outros grupos, atividades interdisciplinares, encontros entre áreas e grupos de pesquisa que pouco dialogavam. Corríamos riscos, sob (ou graças a) supervisão;

a tutoria é fundamental!

Eu falo que o PET é um projeto radical para estudantes, mas também é radical para a/o docente. Da minha experiência enquanto tutor, saí repensando o que é ensinar (e se isso é possível). Primeiro, porque é automática a saída do lugar de receptáculo de conhecimento, ou de transmissor de instruções. O processo do grupo nas ações que busca desenvolver coloca o tutor o tempo todo no lugar de quem não sabe – e não sabe mesmo! Estamos todas/os em um processo de diálogo crítico em busca de uma tarefa em comum. Talvez caiba ao tutor supervisionar essa entrada no mundo, evitando caminhos impossíveis e complicações institucionais.

Talvez caiba criar uma base segura para a exploração por parte dos bolsistas. De qualquer forma, é um lugar que deixa o docente inseguro, e acho isso positivo. Inseguro, pois a distância da organização curricular leva-nos para um território desconhecido onde muita coisa é possível. E não seria exatamente esse o objetivo?

Eu poderia aqui afirmar que a educação curricular é ultrapassada e deveria ser substituída. Não é o que eu acredito. O PET que eu conheço funcionou tendo como pano de fundo a ordem pré-estabelecida do currículo. Muitas vezes eu ouvi que deveríamos estender o PET para o restante da graduação, que a educação tutorial deveria contaminar outros espaços que não a sala do grupo.

Implementamos diversas iniciativas interessantes tendo em vista esse horizonte. Mas essa ideia tem como pressuposto que existe uma dicotomia entre o PET e o restante da graduação. Quero terminar dizendo que, nesse sentido, eu penso que o PET não deveria ser visto como outra coisa, ou um espaço dentro da graduação (privilegiado, potente, distinto). Desejo para este grupo que tem esse livro como produto, e para todos os outros, não que o PET seja o outro da graduação, mas que todos nós da graduação sejamos outros através do PET e das reflexões colocadas aqui.